

CONCEPÇÕES DE TRABALHO E A ORGANIZAÇÃO IDENTITÁRIA DE SÃO PAULO: UM ENFOQUE DIALÓGICO-ENUNCIATIVO DA CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS EM UMA PRIMEIRA PÁGINA DA FOLHA DE S. PAULO

Anderson SALVATERRA MAGALHÃES (Universidade Federal de Santa Maria) eumagalhaes@yahoo.com.br

RESUMO: O objetivo deste artigo é discutir como as noções de *trabalho* influenciam a construção sócio-discursiva das identidades sociais de São Paulo a partir da análise dialógica do discurso da primeira página da edição de aniversário da cidade da *Folha de S. Paulo* em 2005. Da perspectiva bakhtiniana de linguagem, os textos configuram fenômenos verbo-sociais que abrem possibilidades variadas para a construção das identidades sociais na sócio-história. Neste artigo, demonstra-se que a primeira página do jornal configura um enunciado de natureza verbo-visual que reflete e refrata discursos e sentidos relevantes para a construção de facetas identitárias de São Paulo.

PALAVRAS-CHAVE: trabalho; linguagem; identidade social; enunciado

ABSTRACT: *The aim of this article is to discuss how the notions of work influence the socio-discursive construction of the social identities of São Paulo by analyzing the first page of Folha de S. Paulo in the edition of the anniversary of the city in 2005. From a dialogical point of view, texts are considered social phenomena that trigger off various possibilities of construction of social identities in socio-history. In this article, we demonstrate that the first page consists of a verbal-visual utterance that reflects and refracts discourses and meanings relevant to the construction of the social identities of São Paulo.*

KEYWORDS: *work; language; social identity; utterance*

0. Introdução

Este artigo tem como objetivo identificar as relações entre a noção (ou noções) de trabalho e a construção discursiva da identidade social de São Paulo a partir da análise dialógica da primeira página da *Folha de São Paulo* da edição de aniversário da cidade no ano de 2005. O tema aqui abordado se deve à identificação da cidade com lugar do trabalho, que parece preencher o imaginário coletivo. Não apenas na sua auto-

representação, mas também nos discursos de outros sobre a cidade e seus habitantes, São Paulo se configura como uma arena de trabalho, local em que se trabalha, espaço de atividade profissional, ocupacional etc. Lazer, diversão, cultura, entre outros temas, certamente permeiam as relações sociais que se entretecem na maior cidade do Brasil, mas, sem dúvida, nenhum deles marca tanto sua identidade social como o trabalho. Assim, que noção ou noções de trabalho contam para a representação de São Paulo? De que maneira essas concepções constroem e sustentam os discursos que constituem as identidades de São Paulo? Na tentativa de acessar os movimentos sócio-discursivos que legitimam essa representação, detivemo-nos na tarefa de selecionar um espaço em que São Paulo fosse retratada para depreender os discursos que a representavam.

Reconhecendo a mídia como um lugar privilegiado de divulgação de conhecimento, valores e discursos, e atentando para a identificação institucional de jornais do meio impresso com São Paulo, escolhemos jornais paulistas como fonte de dados. A riqueza de informações ali encontradas, todavia, compeliu-nos a recortar um pouco mais o *corpus*. Decidimos, então, pela primeira página por entendermos que ali circulam vozes institucionais que dão o tom de toda a edição, e a opção pela de aniversário da cidade foi o recurso para acessar o tema que mobiliza este artigo. Procuramos, em seguida, reunir as primeiras páginas das edições de 25 de janeiro da presente década. Como conseguimos cópias digitalizadas e coloridas de todas as edições de aniversário da capital somente da *Folha de S. Paulo*, debruçamo-nos exclusivamente neste jornal.

Uma vez delimitado o *corpus* de análise, partimos de três hipóteses para o desenvolvimento da investigação. Em primeiro lugar, ponderamos que a noção de trabalho tem influência na construção da identidade social de São Paulo e, em segundo lugar, que diferentes concepções de trabalho constroem uma representação multifacetada da cidade. Por fim, entendendo a primeira página de um jornal como um enunciado de natureza verbo-visual (Brait 1996), levantamos a hipótese de que a composição da primeira página da *Folha de São Paulo* reflete e refrata discursos e sentidos que constroem representações da cidade por meio de signos de natureza verbo-visual.

Assim, diante do *corpus*, perguntamos: como as noções de trabalho articulam a construção identitária de São Paulo na primeira página da *Folha de S. Paulo* da edição de aniversário da cidade? Para responder essa pergunta, desdobramo-la em outras duas que indicam o percurso de investigação: a) a organização visual da primeira página aponta para quais contextos? e b) de que maneira a interação desses contextos que atravessam a primeira página arquitetam a(s) representação(ões) de São Paulo? Neste artigo, detemo-nos apenas na

análise da edição de 25 de janeiro de 2005, por identificarmos ali representação metonímica dos processos que atravessam o conjunto das edições selecionadas. Antes, porém, orientemo-nos quanto à perspectiva de linguagem e de construção de sentido da qual concebemos os fenômenos discutidos bem como quanto à compreensão das identidades de um ponto de vista social.

1. Um enfoque dialógico-enunciativo da construção dos sentidos

Da perspectiva dialógica de linguagem aqui adotada (Bakhtin, 2003; Bakhtin/Volochinov, 1999), entendemos a comunicação humana como um processo contínuo de interação entre sujeitos e entre discursos. Essa concepção articula os planos social e discursivo numa relação de diálogo atualizada somente no enunciado – ato em que o sujeito se engaja na cadeia comunicativa (Bakhtin, 2003). Desse ponto de vista, compreendemos que a produção textual é fruto da interação de elementos verbais e extraverbais (Bakhtin, 1999). Para a análise da primeira página da edição de aniversário da cidade da *Folha de S. Paulo*, partimos da noção de enunciado/enunciação de um ponto de vista dialógico (Bakhtin/Volochinov, 1999; Bakhtin, 2003); em seguida, apontamos como a articulação entre *tema* e *significação* constrói sentidos de natureza verbal e extraverbal, discutimos a noção do *signo* de uma perspectiva ideológica e, então, debatemos como a primeira página de um jornal impresso pode constituir um enunciado verbo-visual (Brait 1996).

A maneira de compreender o fenômeno da comunicação humana na perspectiva de linguagem arquitetada por Bakhtin e seu círculo destaca que o acontecimento linguístico não se dá num vácuo social, antes, num momento histórico específico. O ato de enunciar engaja-nos num processo comunicativo que é anterior à nossa participação e que se prolonga indefinidamente a partir de nossa intervenção. Daí a noção de cadeia comunicativa: aquilo que dizemos responde àquilo que já foi dito e, simultaneamente, convoca respostas, dispondo a comunicação humana num fluxo ininterrupto de circulação de discursos e construção de sentidos. Nesse universo da comunicação discursiva, a unidade que nos permite tomar parte nesse processo é o enunciado. A tradução das palavras do autor (Bakhtin, 2003) esclarece a pertinência de tal abordagem:

[O enunciado é] a **real unidade** da comunicação discursiva (...) Porque o discurso só pode existir de fato na forma de enunciações concretas de determinados falantes, sujeitos do discurso. O discurso sempre está fundido em forma de enunciado pertencente a um

determinado sujeito do discurso, e fora dessa forma não pode existir. (p. 274)

Dessa perspectiva, não há como nos engajarmos em uma produção discursiva a não ser por meio de um enunciado concreto (Bakhtin, 2003). Isso porque, no plano da enunciação, entrelaçamos a interação situacional com outras de diferentes ordens, o que a localiza social e historicamente (Brait e Melo, 2005).

A amplitude que a noção de enunciado dá ao discurso certamente muito vale para uma análise que quer conhecer mais a organização não apenas linguística, mas também sócio-histórica. Porém, como reconhecer o enunciado como unidade, isto é, como identificar um elo na cadeia da comunicação verbal? Bakhtin (2003) ressalta dois aspectos do enunciado que auxiliam no desenho daquilo que o fundamenta como tal e de suas fronteiras.

De acordo com o autor, os enunciados podem ser delimitados a partir da alternância entre os sujeitos falantes (Bakhtin 2003). Isso porque uma de suas características é o caráter responsivo. Um enunciado necessariamente demanda uma resposta, que não precisa ser imediata nem concretizada fonicamente. A maneira como a resposta de um enunciado se dá é tão vária quanto as possibilidades de enunciação. Assim, a troca de turnos em uma conversa (uma das formas de interação verbal), por exemplo, corresponde aos limites dos enunciados que compõem aquela instância de comunicação, ou, ainda, as relações que se entretecem entre as notícias em um jornal ou entre jornais etc. também constroem um fragmento de cadeia comunicativa discursiva.

Retomando a tradução das palavras do próprio autor, "o primeiro e mais importante critério de conclusibilidade do enunciado é a possibilidade de **responder a ele**, em termos mais precisos e amplos, de ocupar em relação a ele uma posição responsiva" (Bakhtin, 2003:280). Assim, qualquer manifestação linguística que abra espaço para uma possível resposta configura um elo da cadeia comunicativa. Isso pode abranger desde um único vocábulo até organizações textuais mais extensas, como um romance, por exemplo. O que vai caracterizar determinada produção verbal como um enunciado é o convite ao diálogo que tal produção traz.

O reconhecimento desse convite está também vinculado ao momento da enunciação e prenhe de uma atitude responsiva conforme sugere o autor. Eis o segundo passo para identificar o limite de um enunciado: sua conclusibilidade. O dinamismo da cadeia comunicativa não está encerrado nos limites da intenção de um enunciador, mas está garantido nas possibilidades de interação abertas pelo enunciado. Desse modo, a atitude responsiva ativa do destinatário em reconhecer a conclusibilidade de um enunciado e reagir a ele constitui um segundo

critério para delimitação de um enunciado. Como defende o próprio autor (Bakhtin/Volochinov, 1999; Bakhtin, 2003), a simples compreensão já traduz uma resposta, porque compreender um enunciado implica orientar-se em relação a ele. Ao orientar-se, o destinatário (co-enunciador) assume uma atitude responsiva ativa – ainda que manifesta pelo silêncio – que conclamará outro enunciado movimentando a cadeia comunicativa.

Vale ressaltar que o arranjo das falas em uma cadeia comunicativa não é disposto de forma linear, mas numa complexa teia. Reconhecer a complexidade da comunicação permite projetar a troca de falantes não somente nas situações de interação verbal face a face (ou qualquer outro modo de comunicação oral), mas também nas situações que envolvem a palavra escrita. Afinal, o autor (Bakhtin/Volochinov, 1999) também reconhece na modalidade escrita da linguagem seu caráter responsivo. De acordo com a tradução de suas palavras:

toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal, e, ainda, o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio etc. (p. 98)

Assim, independente da modalidade de enunciação, o acabamento do enunciado é o que garante a possibilidade de uma resposta.

Reconhecidas as características que elevam formas linguísticas ao nível de unidade comunicativa – enunciado –, pensemos por um instante a construção de uma primeira página de jornal. Mais do que simples agrupamento de chamadas de notícias, reportagens, cadernos etc., a primeira página funciona como um enunciado de natureza verbo-visual (Brait, 1996) que assimila discursos estruturantes do todo da edição e definem a linha editorial de maneira mais abrangente. O tom valorativo recuperado na primeira página se deve justamente à sua conclusibilidade, que convoca uma atitude responsiva ativa. Entretanto, para que a primeira página seja reconhecida como um enunciado propriamente dito, atentemos para o problema da significação.

Ao tratar do fenômeno da construção do sentido, Bakhtin/Voloshinov (1999) reconhece, em primeiro lugar, que a enunciação como um todo instaura sentido. O enunciado não se define por um grupo de sentidos, mas seu acabamento implica um efeito de sentido. Todavia, seria no mínimo contra-intuitivo negar que haja elementos infra-enunciativos que participam do processo de construção de sentido. Diante disso, o autor sugere a distinção entre *tema* e *significação*.

Na abordagem dialógico-enunciativa, o tema consiste do "sentido da enunciação completa, (...) a expressão de uma situação histórica completa" (Bakhtin/Volochinov, 1999:128). Indissociável do acontecimento enunciativo, o tema configura "um **sistema de signos dinâmico e complexo**, que procura adaptar-se adequadamente às **condições de um dado momento da evolução**. O tema é uma **reação da consciência em devir ao ser em devir**" (p.129). Essa concepção localiza o tema na interação entre formas (signos) linguísticas e o contexto de produção de texto em que as formas aparecem. Daí o dinamismo vinculado às condições do momento de enunciação. Justamente por conta dessa dupla articulação, o tema confere à enunciação o caráter de fenômeno sócio-histórico, porque, a despeito de provisório e inacabado (não se extingue), ele é, como vimos, a configuração da resposta aos enunciados precedentes e o motivo de outros enunciados que o responderão. Esse vínculo à cadeia comunicativa, que não cessa, confere o *status* de permanente devir ao tema.

A significação configura "os elementos da enunciação que são **reiteráveis** e **idênticos** cada vez que são repetidos (...), um aparato técnico para a realização do tema" (Bakhtin/Volochinov, 1999:129). No âmbito da linguagem verbal, como discute o autor, a significação consiste das formas da língua, que em si, nada significam, mas operam como chave de percepção e circulação de discursos e sentidos. Novamente tomando a tradução das palavras do autor (Bakhtin/Volochinov, 1999), "a multiplicidade das significações é o índice que faz de uma palavra uma palavra" (p. 130), isto é, a significação é o potencial de significar das formas linguísticas, que se tornam palavras quando restringem-se seus possíveis sentidos em dada interação. Na condição de formas, são reiteráveis, fixas, estáveis, passíveis de serem analisadas, mas também compõem o fenômeno enunciativo, que é singular e irrepitível.

Na esteira dessa discussão, ponderemos sobre o problema do sentido na imprensa. O todo enunciativo não pode ser compreendido apenas do ponto de vista verbal, uma vez que a natureza do texto jornalístico impresso na atualidade é essencialmente verbo-visual. É preciso identificar elementos visuais que igualmente compõem o processo de significação e que articulam o tema na instância enunciativa. Especificamente no caso da primeira página, se tomada de uma maneira fragmentada, reconhecemos nela apenas um caráter remissivo de índice, que nos orienta a leitura da edição. Todavia, se atentarmos para a articulação entre a produção verbal, fotojornalística e gráfica (tamanho de fonte, divisão de colunas etc.) posicionamo-nos diante de um enunciado único de natureza verbo-visual que põe em circulação sentidos outros diferentes daqueles que podem ser

recuperados por meio de uma leitura fragmentada, que dá acabamento a cada uma das chamadas como um enunciado (Brait, 1996). Isso significa dizer que a primeira página do jornal é construída necessariamente por meio desse duplo posicionamento enunciativo. Neste artigo, interessa-nos apreendê-la como um enunciado único, cuja significação de natureza verbo-visual articula um tema.

Devido à esfera de circulação do texto que tomamos para análise – a esfera jornalística –, valemo-nos aqui de contribuições de dois autores para esboçar elementos de significação visual na primeira página de um jornal: Dondis (1997), que permite interpretar técnicas visuais como artifícios sócio-discursivos, e Sousa (2004), que apresenta componentes-chave do fotojornalismo que dão acesso a mecanismos de construção de efeitos de sentido específicos das produções fotojornalísticas.

Numa proposta de aproximação entre organização sintática da língua e da linguagem visual, Dondis (1997) apresenta elementos, como ponto, linha, cor, escala, dimensão, entre outros, que constituem unidades visuais de significação. A articulação desses recursos visuais constitui técnicas que estabelecem determinados efeitos de sentido. Como a autora (Dondis, 1997) afirma, “os elementos visuais são manipulados com ênfase cambiável pelas técnicas de comunicação visual, numa resposta direta ao caráter do que está sendo concebido e ao objetivo da mensagem” (p. 23). A mais dinâmica das técnicas é o contraste, que se opõe à harmonia. Entretanto, não devemos pensá-las como procedimentos polarizados, díspares, antes como ações dispostas num *continuum*, o que permite o estabelecimento de diferentes ritmos visuais. Outras técnicas listadas pela autora são: fragmentação, assimetria, justaposição, equilíbrio, instabilidade. Cada uma delas, da perspectiva dialógico-enunciativa de construção de sentidos, configura um movimento sócio-discursivo particular.

Tratando especificamente de material fotojornalístico, Sousa (2004) faz um levantamento de um conjunto de elementos de significação dessa modalidade de linguagem em particular, dos quais ressaltamos cinco: texto (o modo como chama os elementos verbais do produto fotojornalístico), enquadramento, plano, composição e gênero fotojornalístico (referido neste artigo como *tipologia fotojornalística*). De acordo com o autor, esses elementos são constitutivos, e não meramente acessórios do fotojornalismo. Isso significa dizer que não há uma fotografia jornalística que se apresente sem legenda (elemento verbal constitutiva do texto fotojornalístico), ou que prescindir de uma opção de enquadramento, plano e composição particular. Além disso, é importante escolher, também, que tipo de fotografia incluir no texto jornalístico como um todo. Cada uma dessas opções configura um gesto discursivo que, na interação com os demais elementos constituintes da

primeira página de um jornal, acabam por deflagrar determinados efeitos de sentido. Dessa maneira, podemos dizer que os sentidos construídos no jornal resultam da interação de elementos verbo-visuais, e esse modo de compreender o funcionamento dialógico-enunciativo do texto jornalístico nos leva à reflexão sobre a natureza de outro conceito-chave no processo de significação na comunicação discursiva: o signo.

Compreendido dentro de uma abordagem estrutural dos estudos linguísticos como entidade psíquica composta de duas faces indissociáveis – o significado (conceito) e o significante (imagem acústica) (Saussure, 1995:81) –, o signo linguístico pressupõe um eixo estável compartilhado por determinada comunidade de falantes. Isso porque o signo linguístico só se configura como tal na relação entre suas duas faces constituintes. A estabilidade está em consonância com a proposta do autor de se ater à *forma*, objeto, então, dos estudos linguísticos. Dentro desse paradigma conceitual, Saussure (1995) acrescenta que o signo linguístico é de natureza arbitrária, ou seja, a relação entre o conceito e sua imagem acústica não tem nenhuma motivação na realidade extralinguística. A menção do universo extraverbal na discussão do signo linguístico, abre espaço para a re-elaboração do conceito e o redimensionamento do nível no qual o conceito de signo pode operar dentro dos estudos da linguagem.

Se linguagem e sujeito encontram-se imbricados e implicados, a noção de signo pode ser deslocada do nível puramente estrutural (linguístico) para o nível sócio-histórico (verbal e extraverbal). Mais do que uma relação entre conceito e imagem acústica, entendemos o signo como o ponto de encontro e tensão entre, no mínimo, dois pontos de vista que traduzem a necessária presença de dois co-enunciadores. A introdução de sujeitos no universo da linguagem a localiza num plano preponderantemente sócio-histórico, no qual necessariamente se circunscrevem valores e ideologias. Aqui vale a pena citar a tradução das palavras de Bakhtin/Volochinov (1999):

Os signos só podem aparecer em um terreno **interindividual**. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de “natural” no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois **homo sapiens** quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. (p. 35)

A relação necessária se dá entre significante, significado e o contexto de produção do enunciado no qual o signo é realizado. Assim, os sentidos produzidos pela palavra não se restringem às possibilidades

oferecidas pelo sistema de uma língua, mas abrangem também as coerções sócio-históricas da enunciação. Em outras palavras, o signo linguístico é circunscrito na ininterrupta cadeia comunicativa, possibilitando a re-elaboração do conceito como *signo ideológico*. Sua implicação com a sócio-historicidade do discurso põe em movimento – junto com os sentidos produzidos na enunciação – valores, que inscrevem as manifestações linguísticas no universo ideológico. Novamente consoante a tradução das palavras do autor (Bakhtin/Volochinov, 1999):

Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico.
Tudo que é ideológico possui um valor semiótico.
(p. 32)

O enquadramento ideológico do semiótico permite interpretar elementos de naturezas diferentes (verbais, visuais e verbo-visuais, por exemplo) como chave de percepção de discursos. Ao identificarmos o caráter ideológico nos componentes verbo-visuais jornalísticos, interpretamo-los como signos – elementos que introduzem e fazem circular discursos. Assim como formas linguísticas abrem espaço para circulação de discursos e construção de sentidos, também as imagens o fazem. Podemos afirmar, então, que a interação verbo-visual dá acesso a dispositivos sócio-discursivos que efetivamente constroem sentidos na primeira página de um jornal.

Diante dessa arquitetura conceitual da abordagem dialógico-enunciativa de linguagem, perguntamo-nos: quem são os sujeitos que povoam o universo discursivo? Pensemos a questão das identidades sociais, não de um ponto de vista essencialista cartesiano, mas com uma visão processual e dinâmica moldada na enunciação.

2. Uma abordagem dialógico-enunciativa das identidades sociais

A noção de identidade como elemento de ordem sócio-discursiva deve estar em consonância com a natureza dialógica de linguagem aqui advogada. Assim, ressaltamos as contribuições da noção de *identidade social* para, em seguida, ilustrar como São Paulo é construída de um modo multifacetado a partir de diferentes concepções de trabalho.

De acordo com Castells (2001), a identidade social consiste do “processo de construção de significação com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o(s) qual(is) prevalece(m) sobre outras fontes de significado” (p. 22). Essa concepção revela o aspecto processual das identidades, que não são entendidas como conjunto de elementos essenciais constitutivos. Embora desejemos uma unidade que nos defina como quem somos, com a qual nos identifiquemos harmoniosa e estavelmente (Domingues Machado, 1999), as maneiras de construção do sujeito são múltiplas, fluidas e, por vezes, contraditórias (Castells, 2001; Moita Lopes, 2003). Desse ponto de vista, as identidades sociais são heterogêneas e se organizam em perpétua mobilidade e incompletude (Sarup 1996). Assim, o sujeito se localiza num espaço onde “diferentes elementos que constituem sua fluida e situada identidade estão em permanente tensão, em constante articulação dialógica, em permanente negociação de formas de composição, em vez de unidos mecanicamente” (Sobral, 2005:105).

Os movimentos sócio-discursivos que nos constroem como sujeitos e que construímos como sujeitos não são lineares nem estanques, mas dinâmicos como a natureza dialógica que move a circulação dos discursos e sentidos. Assim, reiteramos a natureza múltipla, fluida e heterogênea do constante processo de nos constituirmos no mundo mesmo num recorte como o deste artigo. A construção dessa multiplicidade de possibilidades, segundo Miranda (2000), está na atual riqueza de elementos que configuram vetores de subjetivação. De acordo com as palavras da própria autora, “escola, mídia, trabalho, formas de modelo econômico e política são vetores atuantes de subjetivação: subjetividade caleidoscópica que não pára de assumir diversos contornos” (Miranda, 2000:37 – grifos nossos).

Entender a construção da subjetividade (ou das identidades sociais, que optamos focar neste trabalho) como modulada a partir de vetores evidencia a natureza plural da organização do ser no mundo. Desse ponto de vista, entendemos que também a construção das identidades resulta de relações de ordem discursiva. Assim, a inserção sócio-histórica do sujeito o localiza simultaneamente como produto desses vetores de subjetivação, que lhe oferecerão possibilidades de construção de si, e produtor de vetores de subjetivação, uma vez que sua participação no universo dialógico não será estéril, mas seguida de respostas. Isso significa dizer as identidades sociais constituem fenômenos heterogêneos atualizados, mas não encerrados, na enunciação.

Retomando a noção de interdependência entre sujeito e linguagem que flagramos na abordagem dialógico-enunciativa, podemos dizer, portanto, que o sujeito se constrói em ações, num jogo de consonâncias

e dissonâncias resultante do lugar que ocupa nas relações sociais (Oliveira, 2003). A partir do momento que o sujeito se constitui como ser no mundo por meio de ações e interações sociais, suas identidades sociais extrapolam os limites do particular e pessoal e se situam numa instância sócio-histórica. Se o ser se constitui no social, na interação com os outros, as identidades estão dialogicamente dispostas na comunicação discursiva. Assim, entendemos que seu princípio fundador é a interação verbal-social dos sujeitos.

Diante da natureza marcadamente verbo-visual da primeira página do jornal, vale a pena pensar com certo vagar sobre o modo como essas manifestações identitárias se dão. De acordo com Hall (1986), os seres projetam sentidos ao espaço em que se enquadram. As distâncias entre seres e coisas marcam relações sociais de diferentes ordens. O autor (Hall, 1986), que se dedicou ao estudo dos significados projetados nas e pelas distâncias entre animais e seres humanos, chamou de proxêmica “o conjunto das observações e teorias referentes ao uso que o homem [sic] faz do espaço enquanto produto cultural específico” (p. 11). Apesar de a análise proxêmica ir bastante além da articulação verbo-visual, neste artigo, os aspectos destacados pelo autor nos auxiliam a abordar dialógico-enunciativamente os elementos que compõem os gêneros jornalísticos do meio impresso, que mobiliza materialidade verbo-visual. Nossa assimilação, reelaboração e reacentuação dos estudos de Hall (1986) deixam de lado as questões ligadas ao som, que também configuram um eixo relevante de análise dos significados sociais projetados nas relações espaciais.

A análise proxêmica categoriza o dinamismo do espaço a partir de quatro tipos de distância: íntima, pessoal, social e pública. Como a própria nomenclatura sugere, da distância íntima à pública, observamos um afastamento entre os sujeitos implicados na relação. Assim, a distância íntima compreende relações de muita proximidade, com contato físico direto, como lutas, relações sexuais etc. Esse tipo de distância representa a proximidade máxima entre sujeitos em dada cultura e, por conta do limitado intervalo de espaço, tende a implicar pouca nitidez visual. À distância íntima, o olho humano não consegue focar a imagem, que é percebida de maneira embaçada. No caso de interações face a face, há privilégio das sensações táteis e olfativas. No âmbito do meio impresso, no material fotojornalístico, por exemplo, a distância íntima situa o observador numa relação de proximidade muito grande com o sujeito fotografado.

Diferentemente, a distância pessoal designa aquela em que, apesar de proximidade, não implica contato. De acordo com a tradução das palavras do autor, “podemos imaginar a coisa [em observação] sob a forma de uma pequena esfera protetora (...) que um organismo criasse à sua volta para se isolar dos outros” (Hall, 1986:139).

Novamente tomando como base as relações face a face, entendemos a distância pessoal como a distância do comprimento de um braço. A essa distância, a imagem já nos é nítida e podemos identificar detalhes do interlocutor. Na fotografia, essa é a distância típica de retratos, por exemplo.

Afastando um pouco mais, chegamos à distância social que rege a maior parte das relações do dia a dia. É a distância típica do contexto de trabalho: entre colegas, entre chefe e subordinado etc. Na fotografia, a distância social é traduzida pelo plano médio, que permite reconhecer a relação entre sujeitos fotografados e o ambiente em que se encontram. Por configurar uma tomada mais próxima da visão objetiva da realidade, sem distorções ou proximidades que implicam relação íntima, esse plano consiste de importante chave de objetivação para o fotojornalismo. Ao guardar a distância social do sujeito fotografado, o enunciador situa o observador numa relação não comprometida, comum nas relações do cotidiano.

Por fim, a distância pública é a mais marcante da assimetria entre os sujeitos da enunciação visual. O grau de afastamento entre os sujeitos é diretamente proporcional à multiplicidade de relações que podem ser projetadas entre eles. Guardamos a distância pública, por exemplo, de celebridades, governantes, entre outros que ocupam um lugar diferente do nosso na hierarquia social. Fotograficamente, a distância pública é manifesta nos grandes planos, nos planos gerais, que nos localizam bem afastados dos sujeitos fotografados.

A proximidade permite acessar sentidos extraverbais imbricados nas relações sociais e nos modos como os sujeitos se constroem uns aos outros. No caso focado neste texto, a análise proxêmica auxilia na identificação e sistematização dos lugares projetados para o enunciador e destinatário no plano visual que compõe a primeira página – uma das chaves de percepção dos processos de construção de identidades sociais que atravessam o texto jornalístico e dos mecanismos ideológicos neles imbricados.

No âmbito da questão que norteia a presente discussão, a concepção dialógica das identidades sociais permite compreendê-las como um processo, e não simplesmente reunião de características essenciais, e aponta como a produção discursiva reflete o imaginário coletivo e refrata representações sociais mais abrangentes que aquelas de escopo meramente situacionais. Passemos, então, à micro-análise discursiva da primeira página da *Folha de S.Paulo* da edição de 25 de janeiro de 2005 (não apresenta neste artigo por questões relativas ao direito autoral).

3. Trabalho como ação e trabalho como inação: uma construção identitária multifacetada de São Paulo

O jornal impresso é fisicamente organizado de modo a propiciar diferentes percursos de leitura. As páginas são agrupadas em um acabamento único, embora possam ser manuseadas separadamente. Apenas este aspecto da materialidade física do meio já indica que o texto do jornal prevê variadas possibilidades de leitura. Isso implica dizer que o processo de produção, distribuição e consumo dos textos do jornal impresso prevê a complexidade em que se circunscreve.

Nesse contexto de produção textual, a primeira página desempenha papéis significativos: se, por um lado, ela atende ao compromisso ético jornalístico de apresentar objetivamente as chamadas para o conteúdo principal da edição, por outro, ela atualiza a postura editorial face àquilo por ela mesma veiculado. Por exemplo, a metade superior é economicamente mais valorizada, porque é aquela aparente na banca de jornal. Então, além do comprometimento informativo, essa metade, que entre outros aspectos funciona também como chave de venda da própria edição, deve atender a um certo apelo publicitário. Na mesma linha de raciocínio, reconhecemos a valoração econômica das colunas da direita em detrimento das da esquerda e assim por diante. A composição de uma página de jornal, portanto, reflete valores compartilhados na cultura organizacional das empresas de informação e, por conta de sua singularidade enunciativa, marca sócio-discursivamente o posicionamento institucional face àquilo que apresenta.

Do ponto de vista dialógico-enunciativo, entendemos que a composição da primeira página da *Folha de S.Paulo* da edição de aniversário da cidade em 2005 articula-se a partir da interação de dois eixos que produzem um efeito de sentido na construção identitária dessa metrópole como trabalho. O aspecto visual do enunciado tem um destaque particular nesse texto, uma vez que, o centro visual da página é preenchido por um elemento fotojornalístico que, com outros dois elementos também fotojornalísticos, constitui uma linha de força descendente da esquerda para direita. Isso estrutura uma sintaxe visual que sugere o tom valorativo do todo da primeira página. Por conta disso, escolhemos abordá-la a partir da visualidade para, em seguida, estabelecer relações dialógicas com elementos verbais e recuperar alguns contextos e discursos para os quais os signos ideológicos ali presentes apontam.

No centro visual, encontramos uma fotografia em primeiro plano, com câmera baixa. Centralizada entre duas colunas, ocupa outras quatro, preenchendo a maior área da metade superior da página. Entendendo que este é um lugar de prestígio na capa do jornal, identificamos essa fotografia como o motivo do todo enunciativo. Em destaque, estão dois elementos em equilíbrio: uma placa do governo da

cidade de São Paulo e uma pilha de papéis. O símbolo do governo e as cores do partido do prefeito da cidade convocam contextos da organização política municipal.

Instaurado esse contexto do poder público, podemos projetar sentidos, por exemplo, às pilhas de papéis que caracterizam repartições públicas. Significando o acúmulo de atividades não realizadas, as pilhas de papéis dão entrada a um discurso de inação do serviço público. O universo estático é referendado, ainda, pela imagem espelhada ao fundo das pilhas de papéis e pela construção sintática da mensagem na placa: "Atendimento a fornecedores que tiveram empenhos anulados". A oração subordinada adjetiva restritiva (*que tiveram seus empenhos anulados*) apresenta uma composição do sintagma verbal pouco familiar à língua portuguesa. A gramática tradicional do português não prevê a voz passiva com a combinação de uma forma finita do verbo *ter* e uma forma não finita (particípio passado) do verbo principal. De qualquer maneira, a estrutura sintática funciona como apassivadora, uma vez que aquele que pratica a ação de anular fica mascarado, ressaltando apenas o resultado dessa ação. Esse funcionamento apassivador corrobora o discurso de inação capturado pelas pilhas de papel enquanto signo ideológico. Além disso, o destaque na legenda também recupera um discurso popular que traduz uma ideia de inação: "**Devo, não nego** Saguão do gabinete do prefeito José Serra com pilha de cobranças com fornecedores; até as 19h, 622 credores haviam procurado a administração Pág. C3". A opção por citar parte do provérbio simultaneamente aponta para o imaginário popular, conhecimento popular, e para a noção de não cumprimento do dever. O reconhecimento da dívida, no provérbio, não implica atitude, antes, ratifica inadimplência. No contexto da primeira página, a presença de dois homens separados por um balcão com mais papéis fica vaga: trata-se de fornecedores? Funcionários do gabinete do prefeito? Estão trabalhando ou reclamando a anulação de empenhos?

A fotografia motivo nos leva a uma distância íntima desses elementos em primeiro plano, compelindo-nos a uma observação diferenciada daquela que teríamos usualmente se nos deparássemos no cotidiano com tal placa. A escolha da posição da câmera valorizando esses sujeitos fotografados que, de algum modo, depreciam o poder público, é importante chave para construção do tom valorativo impresso ao enunciado como um todo. A valorização da depreciação contrasta com outros discursos convocados.

Diagonalmente opostas, duas outras fotografias cercam o motivo da primeira página construindo uma sintaxe visual que permite estabelecer relações de oposição. Ambas introduzem discursos que caracterizam São Paulo, embora instaurem contextos bem distantes um do outro. No topo, no lado esquerdo, há uma chamada para os

preparativos da festa da cidade. A composição fotográfica, entretanto, não aponta diretamente para o contexto festivo; pelo contrário, inscreve discursos de uma classe para quem a festa representa trabalho braçal. Dois homens preparam um palco. A linha de força do tom vermelho do tecido que seguram constrói uma sensação de movimento, destacando a ação implicada no trabalho desses sujeitos fotografados. A câmera baixa valoriza a ação dos trabalhadores. A legenda co-constrói a ideia de ação capturada visualmente ao destacar a palavra *retoques* (fonte maior e em negrito) e convocar um campo semântico de trabalho por meio do substantivo *funcionários*, sujeito da frase, e também por meio da voz ativa do verbo (*funcionários trabalham*): **RETOQUES** Funcionários trabalham na preparação do palco para a comemoração dos 451 anos de São Paulo: shows pela cidade, corrida e desfile de escola de samba farão parte dos festejos Pág. C4.

À direita, abaixo do motivo da página, há outra fotografia, em plano médio, retratando um modelo desfilando. A câmera objetiva destaca o modelo e tira de foco o ambiente em que se encontra, mas a legenda informa que se trata do evento *São Paulo Fashion Week*, outra marca importante do trabalho na cidade. Cada vez mais expressivo nacional e internacionalmente, o *São Paulo Fashion Week* imprime ao mundo da moda, muitas vezes relacionado meramente à vaidade ou futilidade e consumo, um caráter de trabalho árduo. A produção de grifes e estilistas bem como o empenho de modelos, fotógrafos, entre outros, marcam o evento como um grande acontecimento no mundo do trabalho na moda. Mais uma vez a câmera captura uma pessoa em ação trabalhando. Apesar de apontar para outro contexto, outra esfera de atividade de trabalho, para um contexto sócio-econômico bastante diferente daquela fotografia dos funcionários que organizam a festa da cidade, também esse produto fotojornalístico constrói e valora positivamente uma noção de trabalho como ação.

Assim, identificamos uma linha de força formada por essas três fotografias que marca essa primeira página. Todas as três podem ser classificadas como fotografias de notícias em geral (tipologia de Sousa 2004) e, portanto, traduzem certa objetivação dos fatos fotografados. Entretanto, o tom valorativo impresso na angulação da câmera bem como a própria composição das fotografias permitem rascunhar uma sintaxe discursiva verbo-visual. Partindo do motivo da página, recuperamos a construção da ideia de trabalho como inação. Apesar de a angulação da câmera valorizar os sujeitos fotográficos, o que se destaca são elementos que funcionam como signos que apontam para o não movimento, a não ação. A estrutura apassivadora da placa e a organização espelhada de pilhas de papel constroem um governo inoperante.

Em contrapartida, as outras duas fotografias, a despeito dos diferentes contextos para os quais apontam, instauram a noção de trabalho como ação, movimento, atitude. Desde o trabalho braçal até o trabalho estético de estilistas, flagramos movimento. Há, portanto, uma construção verbo-visual de contraste. A disposição das fotografias dos trabalhadores e do evento *São Paulo Fashion Week* indica uma oposição de contextos, embora haja cumplicidade na concepção de trabalho, ao passo que a fotografia motivo se opõe às outras duas pela sua construção temática de inação. A partir daí, reconhecemos dois grandes eixos que articulam as identidades sociais de São Paulo como trabalho: de um lado, trabalho como inação e, de outro, trabalho como ação.

Para verificar como essa articulação de sentidos funciona, observemos outras chamadas da capa que tratam de São Paulo. À esquerda da fotografia motivo, encontramos uma chamada para o caderno *Ciência*, narrando a descoberta de um sítio arqueológico na Penha. Apesar da voz passiva no título da chamada (*Encontrado sítio arqueológico na Penha*), o texto bem como o infográfico sinalizam a noção de trabalho como ação. A peça de cerâmica que aparece como ilustração marca o resultado do trabalho tanto das tribos que a produziram quanto dos arqueólogos que a encontraram. Diferente das pilhas de papéis, esse elemento visual aponta o fruto de trabalho de duas referências temporais diferentes. Ao invés de não-ação, encontramos o resultado, o marco da ação de tribos e arqueólogos.

Abaixo dessa chamada, uma outra para o então caderno *Sinopse* desafia o leitor quanto ao seu conhecimento sobre a cidade de São Paulo. A chamada faz referência a uma matéria construída como um jogo de perguntas sobre São Paulo, que prevê a ação prática do leitor de interagir com a matéria impressa, como se lidasse com um hipertexto. O infográfico dessa chamada liga a chamada da *Folha Ilustrada*, que trata de livros que a cidade de São Paulo ganhou. A construção visual de livros empilhados remete à silhueta do prédio do Banespa, um dos grandes marcos da capital do estado, e as referências aos escritores e leitores da cidade nos permitem acessar discursos de uma cidade que escreve, publica, lê, enfim, consome todo aquele material bibliográfico ilustrado. Como base do infográfico, há uma chamada para o cadernos de esportes, que trata da decisão da copa de São Paulo de juniores. Recuperamos, portanto, uma construção múltipla da noção de trabalho como ação nos elementos verbo-visuais de todo o lado esquerdo da página.

Na segunda metade da capa, ao lado da chamada da reportagem sobre o *São Paulo Fashion Week*, encontramos uma sobre auditoria em operações da Vasp, outro símbolo de São Paulo. A construção sintática do título desloca a ação verbal, de modo que *o governo* desempenha a função de adjunto adnominal, enquanto as *operações da Vasp*

funcionam como sujeito da oração: “Operações da Vasp passarão por auditoria do governo”. A escolha lexical do verbo de ação que seleciona as funções sintáticas mencionadas corrobora a diminuição da noção de ação governamental.

Diante desses dois eixos, o tom valorativo crítico em relação ao governo o retrata como inativo. Diferentemente, São Paulo é construída como uma arena de múltiplas atividades de trabalho, de diversificadas ações de trabalho: braçal, intelectual, cultural, esportiva, artística etc. A ideia de trabalho como ação marca uma construção identitária multifacetada da cidade que se apresenta em ebulição, movimento, em processo de trabalho até mesmo em seu aniversário. O eixo discursivo de inação marca apenas a representação do governo, embora também seja uma faceta de trabalho. A arquitetura de sentidos é construída a partir da interação dos elementos verbo-visuais que dão acabamento ao todo da primeira página.

Sem ousar esgotar a grandeza temática do texto, esboçamos uma articulação a partir de dois eixos de sentido em torno da ideia de trabalho que retomam o imaginário sobre São Paulo e o reconstrói de uma perspectiva singular. A apreciação valorativa que recuperamos na interação entre os signos verbo-visuais nos permite encará-la como um enunciado em que circulam múltiplas concepções de trabalho que dão forma à identidade social de São Paulo. Apesar da diversidade, entretanto, percebemos um posicionamento do enunciador – da editoria – em favor da cidade e em oposição ao governo. Todos trabalham, mas nem todo trabalho implica ação. Nessa instância dialógico-enunciativa, assim é a São Paulo que comemora seus quatrocentos e cinquenta e um anos.

4. Considerações finais

Este artigo aponta alguns mecanismos sócio-discursivos que corroboram o imaginário de São Paulo como trabalho. A ideia de uma grande arena de atividades de trabalho é construída na mídia impressa a partir da multiplicidade de signos ideológicos que fazem circular diferentes discursos sobre a cidade. As facetas culturais, artísticas, científicas da cidade são apresentadas de um ponto de vista que as dispõe em igualdade com as atividades de trabalho braçal. Isso corrobora um eixo discursivo de ação e movimento que caracteriza a própria cidade. Por outro lado, o trabalho do poder público em São Paulo, ao dialogar com discursos popularizados sobre essa esfera, é construído como inação, estático, sem movimento. Tanto a variedade quanto a oposição de ideias só podem ser recuperadas a partir das relações dialógicas entre os elementos verbais e visuais. Isso quer dizer que o acabamento que projetamos à primeira página a constitui como

um enunciado atravessado por signos ideológicos verbo-visuais. No caso das edições de aniversário da cidade, constituem arena de assimilação e retomada do imaginário sobre a cidade e a questão do trabalho, mas também configuram espaço de reorganização e reacentuação dos contextos e discursos convocados para a enunciação.

A principal contribuição da presente discussão está na demonstração da materialidade verbo-visual do funcionamento discursivo. O valor político que atravessa a sociedade que produz e acolhe o enunciado jornalístico impresso não necessariamente se fragmenta no material verbal, de um lado, e visual de outro. Diferentemente, o juízo recuperado na primeira página analisada atualiza-se na integração dos materiais. Esta abordagem permite recolher a primeira página como um enunciado (não como um retalho de enunciados organizados como uma espécie de sumário da edição) e, a partir daí, possibilita tratar da natureza política das interações entretecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 (original russo, 1979).
- BAKHTIN, M.; MEDVEDEV, P. N. *The formal method in literary scholarship: a critical introduction to sociological poetics*. Trad. Albert J. Wehrle. Maryland: Johns Hopkins Press (original russo, 1928).
- BAKHTIN, M.; VOLOCHINOV, V. N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. (originalmente publicado em 1929, em nome de Volochinov).
- BRAIT, B. *Ironia em Perspectiva Polifônica*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.
- BRAIT, B.; MELO, R. de. Enunciado/ enunciado concreto/ enunciação. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 61-78.
- CASTELLS, M. *O Poder da Identidade*. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- DOMINGUES MACHADO, L. Subjetividades contemporâneas. In: BARROS, M. E. de. (org.) *Psicologia: Questões Contemporâneas*. Vitória: EDUFES, 1999, p. 221-229.
- DONDIS, D. A. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- HALL, E. T. *A dimensão oculta*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 1986.

MIRANDA, L. L. Subjetividade: a (des)construção de um conceito. In: SOUZA, S. J. (org.) *Subjetividade em Questão*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000, p. 29-46.

MOITA LOPES, L. P. da. (org.) *Discursos de Identidades*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

OLIVEIRA, M. C. S. L. de. Subjetividade e Conhecimento: do sujeito da representação ao sujeito dialógico. In: *Revista do Departamento de Psicologia – UFF*. Rio de Janeiro (Niterói), Departamento de Psicologia, UFF. V. 15, nº 1, 2003, p. 33-52.

SARUP, M. *Identity, Culture and The Postmodern World*. Edinburgh: Edingburgh University Press, 1996.

SAUSSURE, F. de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 20. ed. Editora Cultrix: São Paulo, 1995.

SOBRAL, A. Ético e estético. Na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In: BRAIT, B. (org.) *Bakhtin: Conceitos-Chave*. São Paulo: Contexto, 2005, p. 103-122.

SOUZA, J. P. *Fotografia: introdução à história das técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.